

Eduardo Lourenço: Teixeira de Pascoaes e a Saudade

Maria das Graças Moreira de Sá
Universidade de Lisboa

A essência da tese defendida por Eduardo Lourenço, como grande ensaísta da literatura e cultura portuguesas da nossa contemporaneidade, tem sido a da *irrealidade* das imagens que de nós próprios fomos construindo ao longo dos tempos, que se enreda num complexo nó afectivo, por vezes labiríntico, a que o ensaísta acaba por chamar Saudade. Não admira, pois, que esse sondar pela nossa cultura, feito sobretudo através da nossa história literária, termine sempre num apelo, directo ou indirecto, à reinvenção de uma imagem em que nos possamos rever em termos realistas, ou seja, de uma imagem à nossa medida, de pequeno País no ocidente da Europa, com todos os condicionalismos daí decorrentes, sem «ressentimentos fúnebres» ou «delírios patológicos». «Chegou o tempo de *existirmos e nos vermos tais como somos*»¹, afirma no final de «A literatura como interpretação de Portugal», no *Labirinto da Saudade*, publicado em 1978, quatro anos depois do 25 de Abril, ocasião privilegiada para repensar Portugal, confinado agora ao seu território de origem após cinco séculos de história imperial. E em *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, finda o seu discurso, escrito em 1998, declarando que «Portugal está agora em situação de se aceitar como foi e é, apenas um povo entre os povos. Que deu a volta ao mundo para tomar a medida da sua maravilhosa imperfeição»².

É no levantamento das imagens *irrealistas* com que nos foi dado viver a nossa relação, enquanto Portugueses, com o nosso País, que Eduardo Lourenço, avançando juízos de valor sobre poetas e escritores da literatura pátria, penetra no imaginário saudosista de Teixeira de Pascoaes, deixando-nos páginas de aguda interpretação do poeta-filósofo e da sua concepção de Saudade, reabilitando, como num golpe de mágica, o nome do solitário de Amarante, valorização sempre presente na posterior escrita do ensaísta, que explicitamente o apelida, por diversas vezes, de «um dos

¹ Eduardo Lourenço, «A literatura como interpretação de Portugal», in *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, 2ª ed., Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1982, p.126 (1ª ed., 1978).

² Eduardo Lourenço, «Portugal como destino, dramaturgia cultural portuguesa», in *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, Lisboa, Gradiva, 1999, p. 83.

maiores poetas portugueses»³. Assim, em «A literatura como interpretação de Portugal»⁴, Eduardo Lourenço confere a Teixeira de Pascoaes e ao corpo-sombra da sua mística Saudade um lugar único e isolado, constituindo este, por si só, uma quarta etapa entre os cinco grandes momentos da autognose nacional levada a cabo pelas gerações mais representativas do século XIX e princípios do século XX, ou seja, do primeiro Romantismo, com Garrett e Herculano, ao Modernismo, de que Fernando Pessoa lhe serve de exemplo. Desta forma, partindo da atitude inaugural e, de certo modo matricial, de Garrett, em que pela primeira vez *Portugal se interroga* ou se converte *em permanente interpelação para todos nós* perante essa nova entidade, a Pátria-Nação, nascida da Revolução burguesa, e que modifica a relação do escritor para com a sua pátria, uma pátria *a ser feita* e não apenas *já feita*, numa postura de *confiança de perfil exaltante* na força regeneradora do regime liberal que esta primeira geração implantou no País, analisa Eduardo Lourenço o que chama o segundo momento da autognose nacional, representado pela célebre Geração de 70. Com ela, e com o estatuto de *desconfiança* com que os seus mais ilustres membros (Antero, Eça, Oliveira Martins) olham a realidade nacional enquanto *existência valiosa* se coloca, com mais acuidade, aquilo que o ensaísta considera ser a «*obsessão temática capital* do século XIX: a de *repor Portugal na sua grandeza ideal* tão negada pelas circunstâncias concretas da sua medíocre realidade política, económica, social e cultural»⁵. Entrevendo o sentido da nossa aventura passada como *problemático*, esta geração vive, tragicamente, o sentimento de decadência de um povo marginalizado na História, convertido na «*lanterna vermelha das nações civilizadas*»⁶. Tentando, no curto espaço-tempo de uma vida, inventar-se outro, mais se automarginaliza dessa Europa mitificada, deixando, no imaginário colectivo português, a cruel imagem de um povo decadente, recebendo *passivamente* do movimento geral do que chama, extasiado, *A Civilização*, tudo, sobretudo *ideias*, acessíveis como máquinas. A este sentimento de decadência vai responder a Geração de 90 do final do século, terceiro momento da autognose nacional, sob a forma neogarrettiana, imbuída dos valores espirituais finisseculares, com o Junqueiro de *Os Simples* e o Só de António Nobre, em que, como explicita Eduardo Lourenço, a interpelação a Portugal se amesquinha, e o País «torna-se um conglomerado

³ Cf., por exemplo, em «Melancolia e Saudade», in *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, p. 97.

⁴ In *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, pp. 85-126.

⁵ *Ibidem*, p. 93.

⁶ *Ibidem*, p. 97.

de *diminutivos*, aceita-se e explora-se na sua folclórica miséria»⁷. Será necessário uma espécie de abalo sísmico da entidade pátria, como o provocado pelo Ultimatum – adverte o ensaísta – para se assistir, num momento de exaltação, à *convergência* de todas as imagens da Nação. A encruzilhada finissecular colocará a Pátria, agora *tema obrigatório*, como objecto supremo de vocação e invocação, em que o discurso pessimista convive com a exaltada declamação patriótica. Ora, é entre este terceiro momento de autognose nacional e o quinto e último momento da sua metamorfose, ou seja, entre a *Pátria* de Junqueiro e a *Mensagem* de Pessoa, que Eduardo Lourenço analisa «a invenção suprema – e porventura a mais genial jamais saída da imaginação lusíada – a da *Pátria-Saudade* de Teixeira de Pascoaes»⁸.

Desde logo, o nome de Pascoaes surge ligado ao de Pessoa, no que as suas aventuras poético-espirituais contêm de diálogo-combate mais fundo e complexo sobre esta temática, e Eduardo Lourenço sugere, até, de forma desassombrada, como fará noutra passagens da sua obra, quanto Pessoa deve a Pascoaes. Diz o ensaísta: «Em última análise, a aventura de Pessoa é uma tentativa – bem lograda, mas não de todo triunfante – para reestruturar em termos adequados ao seu génio próprio e a um tempo de tecnicidade cosmopolita, o misticismo sem sombra de má consciência poética nem linguística, do autor inspirado de *Regresso ao Paraíso e Marânus*»⁹. Centra-se, pois, Eduardo Lourenço na perscrutação da imagem da pátria subjacente à poética de Pascoaes. Diferentemente de Junqueiro, para quem a pátria é a pátria histórica visível, o autor da *Arte de Ser Português* subtrairá a mesma pátria à História, para a instalar no seu ser ideal, «que é simultaneamente a transmutação idealizante e idealista mais genial que o tema *pátria* acaso inspirou»¹⁰. Sintetiza o autor do *Labirinto da Saudade*:

Este Portugal dos fins do século XIX, princípios do século XX, medíocre, mendigo político da Europa, assistirá estupefacto e incrédulo a uma operação de magia poética incomparável destinada a *subtraí-lo para sempre* àquele complexo de inferioridade anímico que a Geração de 70 ilustrara com tão negra e fulgurante verve. O verbo de Pascoaes rasura ou dissolve a nossa pequenez objectiva, onde enraízam todos os temores pelo nosso futuro e identidade, instalando Portugal, literalmente falando, *fora do mundo* e fazendo desse *estar fora do mundo* a essência mesma da Realidade.¹¹

⁷ *Ibidem*, p. 105.

⁸ *Ibidem*, p. 107.

⁹ *Ibidem*.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*, pp. 107-108.

Em 1978, sente ainda Eduardo Lourenço a necessidade de condenar as simplificações abusivas com que amiúde se tem lido a experiência poética de Teixeira de Pascoaes, acusado, muitas vezes, para quem nunca o leu a sério – diz o ensaísta –, de abundância, aparentemente informe, do seu verbo, de utilizar um reportório de imagens estereotipadas, de se deixar levar pelas suas obsessões imagísticas constantemente reiteradas, de se abandonar à inspiração mais difusa, enfim, de «sofrer de pouca arte», como apontou o próprio Pessoa. Como sublinha Eduardo Lourenço, noutra contexto, para além do facto de Pascoaes e Fernando Pessoa nunca se terem amado nem compreendido, talvez «porque visassem a mesma coisa de maneira diversa e, no fundo, dialecticamente convergente»¹², as ditas simplificações abusivas da obra pascoaesiana resultam inoperantes enquanto não se compreender o sentido da verdadeira *modernidade* de Pascoaes, intrínseca e não aleatória. Como o próprio ensaísta refere, «*Em poesia alguma portuguesa se encontra encarnada e operante a intuição moderna por excelência que faz do homem (ser imaginante e imaginário) a substância mesma da Realidade*»¹³. É por essa osmose constante entre o homem e a Realidade, que, para Pascoaes, só o *absolutamente irreal é real* e é em consonância com esta visão que o poeta das *Sombras* evoca a realidade pátria como *Pátria-Saudade*. Na interpretação de Eduardo Lourenço, é dessa modernidade peculiar que derivam dois aspectos fundamentais do imaginário pascoaesiano: o primeiro, é o da *elevação ao universal da particularidade* – a tonalidade saudosa – com que somos supostos viver a nossa relação com o Tempo; a segunda, é o do pendor «futurizante» dessa mesma Saudade, visão de fogo que nega a interpretação simplista da Saudade como passadista. Para sublinhar este último aspecto, cita Eduardo Lourenço o célebre aforismo do *Verbo Escuro*: «o futuro é a aurora do passado». É com estes pressupostos que Pascoaes pôde mitificar a Pátria como criadora Saudade, outorgando-nos o estatuto de Povo-Saudoso.

Uma outra forma de reabilitar o nome de Teixeira de Pascoaes é a consideração da sua obra como uma das raras que, entre nós, escapa à envenenada tentação do *ressentimento cultural*, com o conseqüente complexo de inferioridade, facilmente transmutável *no seu contrário*, sistema de extremos opostos que parece caracterizar a nossa cultura. Não há, no autor de Marânus, segundo o ensaísta, nenhuma obsessão de comparativismo: «Na sua evocação incandescente, delirada do Universo, as nossas coisas – *paisagem* ou *gesta humana*, Marão ou Nuno Álvares – têm o seu lugar próprio,

¹² In *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, p. 75.

¹³ In *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, p. 108.

análogo a outros, mas inconfundível»¹⁴. E a comprová-lo, transcreve quadras do poema «Sombras», do livro com o mesmo nome, em que o poeta canta o *seu* rio, como outros grandes poetas cantaram os deles, num mesmo nível de igualdade. Lembremos aqui apenas duas quadras:

Ó Sena, Eurotas, Tibre! Grandes águas!
Que à voz de Homero, de Hugo e de Virgílio
Juntaste o clamor de vossas mágoas...
Pegos de drama e dor, margens de idílio!

Ó meu Tâmega obscuro, água dormente...
Ó rio, à noite, a arder, todo estrelado!
Água meditativa, ao luar nascente,
Água coberta de asas, ao sol-nado!¹⁵

Diga-se, aliás, que esta posição de Teixeira de Pascoaes vem ao encontro das palavras da primeira conferência da sua campanha saudosista, «O Espírito Lusitano ou o Saudosismo», quando este afirma: «Fazer reviver no povo português a alma portuguesa é o que nós sonhamos, porque tal cousa é imprescindível para que Portugal viva, entre os outros países, uma vida própria e bela, independente, portanto. [...] As nações pequenas só podem opor às tendências absorventes das grandes nações, como defesa da sua independência, o carácter, a originalidade do seu espírito activo e criador, a autonomia moral»¹⁶. Desta forma, insiste Eduardo Lourenço, a *diferença* que nos separa e nos une a tudo o resto é cantada como natural e valiosa presença própria, sem exaltação egoísta, nem descabido rebaixamento. Para o poeta, o sonho de uma nova Era Lusíada, em que Portugal seria, pela Saudade, o novo guia da humanidade, só comparável ao Quinto Império de Pessoa, não é mais do que a consequência inevitável deste ressuscitar das nossas qualidades intrínsecas. Despertas estas, assegura Pascoaes, «Portugal dará, pela segunda vez, alguma cousa de novo à civilização europeia»¹⁷. Mas o que parece impressionar Eduardo Lourenço é a universalização do verbo pascoaesiano, que, na brumosa paisagem portuguesa, microcosmo do Universo, decifra e inscreve o drama da Criação inteira, na permanente aventura do espírito humano em busca de si mesmo. Será esta realza poética e como que profética de que goza Pascoaes

¹⁴ *Ibidem*, p.111.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ «O Espírito Lusitano ou o Saudosismo», in, *A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)* de Teixeira de Pascoaes, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988 p.44.

¹⁷ *Ibidem*.

em 1912 que constituirá, na visão de Eduardo Lourenço, um desafio para Fernando Pessoa. Segundo o ensaísta, o anúncio do super-Camões significa apenas que a visão simbólica de Pascoaes e do Saudosismo deveria ser *superada* por uma outra, e superada à maneira de Hegel (tão citado no seu ensaio crítico-profético), quer dizer, elevando-a à consciência de si mesma, mas conservando-lhe a intuição de base, o núcleo neo-platónico¹⁸.

A verdade é que, para o autor do *Labirinto da Saudade*, Pascoaes e Pessoa conceberam, às portas do século XX, a empresa de *imaginar* um destino para Portugal¹⁹, num tempo português de tipo novo, nem passado, nem presente, nem futuro, apenas serenamente *intemporal*, só ultrapassado definitivamente no pós-25 de Abril, quando a ideia de um destino para Portugal se vê substituída pela de um Portugal que não tem outro destino senão o de si próprio, ou seja, o de Portugal como destino. As aproximações entre Pascoaes e Pessoa, no que os une e os distingue, vão-se entrelaçando num discurso crítico que visa interpretar, à luz da cultura portuguesa, a importância das imagens deixadas, no imaginário cultural português, por estes dois grandes vultos da nossa história literária. Lembra-os, conjuntamente, por exemplo, quando se refere à República como um acontecimento «sebastianista», em que uma nova era se abria para Portugal, momento «republicano» vivido intensamente por ambos os autores²⁰; retoma-os para lembrar que o Portugal de então, o Portugal real, rústico, pobre, politicamente imerso em convulsões anedóticas, sofrendo as repercussões da Europa, só reterá das *rêveries* de Pascoaes e de Pessoa, o que pode ensartar no seu ramalhete de nacionalismo ancestral²¹; entrecruza-os, inclusive, a propósito da saudade, ao afirmar que as suas visões desse sentimento-ideia enraízam na mesma matriz histórica, poética e cultural, em que, por vezes, é impossível ou vão separá-las, embora não tenham o mesmo conteúdo sentimental nem a mesma função enquanto ontologia inseparável da figura de Portugal e da visão que cada um atribui ao nosso destino. E explicita: «O Portugal de Pascoaes, como a saudade com que se identifica e recobre, não só estão fora do mundo, como são, de algum modo e radicalmente, *antimundo*. O Portugal de Pessoa, como história, política e cultura, também deixou de estar num tempo digno desse nome, mas [...] continua a percorrer os mares e os tempos que foram seus para atingir uma *outra margem* de que a história foi apenas antevisão, ‘esgar e

¹⁸ In *O Labirinto da Saudade, Psicanálise Mítica do Destino Português*, p. 113.

¹⁹ In *Portugal como Destino seguido de Mitologia da Saudade*, p. 74.

²⁰ *Ibidem*, p. 63.

²¹ *Ibidem*, p. 65.

assombro'. É a mitologia portuguesa no seu conjunto – desde Ulisses a Viriato, de Nun'Álvares a D. Sebastião, de Bandarra a Vieira – que deve despertar da sua 'falsa morte', abandonar a sua pequena casa lusitana e fundir-se, como outrora o fizera em nome de um Cristo conquistador, travestido pelo fanatismo e pela ignorância, num império que não possa morrer, o da 'guerra sem guerra', onde conheceremos, enfim, o nosso verdadeiro nome»²².

Para a reabilitação de Teixeira de Pascoaes, para além deste ombrear do poeta do *Sempre* com Fernando Pessoa, concorre também a própria indagação de Eduardo Lourenço acerca da Saudade, vislumbrada como palavra-mito, de que se ocupa sobretudo nos textos que enformam a *Mitologia da Saudade*, transformando-se, ele próprio, num dos principais intérpretes contemporâneos desse fenómeno, de que Pascoaes é um dos principais pensadores. Assim, tenta o ensaísta precisar o termo *Saudade* frente a outros que lhe são afins, como *melancolia*, *tristeza*, *angústia*, *tédio* e *nostalgia*, num labirinto de conceitos que, escavados texto a texto, demonstram a complexidade afectiva deste sentimento e, sobretudo, o modo como o inventámos como ficção. Em «Tempo português», partindo do pressuposto de que a *nostalgia*, a *melancolia*, a própria *saudade*, reivindicada pelos portugueses como um estado intraduzível e singular, são sentimentos ou vivências universais, Eduardo Lourenço parte para a sua respectiva caracterização: «A melancolia visa o passado como definitivamente passado [...]. A nostalgia fixa-se num passado determinado [...], mas ainda real ou imaginariamente recuperável. A saudade participa de uma e de outra, mas de uma maneira tão paradoxal, tão estranha, - como é estranha e paradoxal a relação dos Portugueses com o 'seu' tempo - , que, com razão, se tornou um labirinto e um enigma para aqueles que a experimentam, como o mais misterioso e o mais precioso dos sentimentos»²³, mais da ordem do sonho do que do real, sem nada de trágico, onde se inventa o passado como paraíso pela recusa do que se chama a realidade. Já em «Melancolia e saudade», explicita que a *angústia* não suporta o «jogo» com o tempo – tudo é urgência, a própria memória fica em suspenso – e tem como campo a imaginação (imaginação do pior), em que o real fica de fora. O *tédio*, pelo contrário, remete-nos para o real. Mais uma vez, Eduardo Lourenço convoca Pascoaes e Pessoa para exemplificar a imagem do tédio, a de Pascoaes, humilde e nua na sua «Canção Monótona», indiferente à alegria ou à tristeza dos dias, de que transcreve alguns versos,

²² *Ibidem*, pp. 76-77.

²³ «Tempo Português», in *ibidem*, p. 92.

a de Pessoa, com o tédio gélido, verificação sem concessão nem resignação do sem sentido da vida, que percorre os versos, também transcritos, de «Tabacaria»²⁴. Quanto à tristeza, esta tem uma causa ou motivo, real ou suposto, o que a diferencia da melancolia, em que o que ela fala ou o que fala nela está fora da esfera empírica. É este *novelo afectivo*, a forma como cada um destes conceitos se entretetece entre si, como uma teia que dificilmente se consegue deslindar, que parece apaixonar o ensaísta. Não admira, pois, que, no desenrolar deste seu ensaio, se centre no texto de D. Duarte, o qual, se elabora a primeira meditação sobre a saudade, considera-a uma entre outras afecções da alma, como tristeza, tédio, nojo e melancolia, advertindo Eduardo Lourenço, desde logo, que não encontra nesta primeira imagem da saudade, ao contrário da longa tradição posterior, os traços quase hagiográficos que a ideia de saudade revestirá mais tarde, até se tornar o supremo ícone da cultura portuguesa. Será entre o nojo, o pesar, o desprazer e o aborrecimento que se tratará da saudade, transpirada de uma intuição que será desenvolvida por D. Francisco Manuel de Melo, que conferirá a este sentimento-ideia um sentido simultaneamente singular, universal e transcendente. Será em «Da saudade como melancolia feliz» que Eduardo Lourenço afirmará que os Portugueses, habituados a tal ponto pela saudade, fizeram dela uma espécie de enigma, essência do seu sentimento da existência, a ponto de a transformarem num «mito», em que já não somos nós que temos saudade, mas é ela que nos tem a nós. Jogando, ainda, com as noções de tristeza, nostalgia e melancolia, o ensaísta encaminha o leitor para a interpretação de Teixeira de Pascoaes, segundo ele, o poeta que melhor do que ninguém mitificou o sentimento da saudade com *Regresso ao Paraíso*, em que o regresso «é obra da saudade, que subtrai a nostalgia ao sentimento da pura perda ou ausência, confiando-lhe a missão de transmutar a perda em vitória de sonho»²⁵. Só então ensaia uma definição de saudade: «É a esta sensação-sentimento de ardermos no tempo sem nele nos consumirmos que propriamente chamamos 'saudade'»²⁶. E mais à frente: «A saudade (que mais podia ser?) é apenas isto: a consciência da temporalidade essencial da nossa existência, consciência carnal, por assim dizer, e não abstracta, acompanhada do sentimento subtil da sua irrealdade.[...] Talvez, simplesmente, porque, como povo, feliz na sua inconsciência, que é a da vida, não se resigna a que nada fica de nada, como disse Unamuno. Quando nada resta de nada, fica ainda o tudo desse nada. É isto que

²⁴ «Melancolia e saudade», in *ibidem*, p. 97.

²⁵ «Da saudade como melancolia feliz» in *ibidem*, p.116.

²⁶ *Ibidem*.

vivemos como saudade, unindo numa só intuição as visões, no fundo semelhantes, dos nossos maiores poetas, de Camões a Garrett, de Pascoaes a Pessoa»²⁷.

Embora enredado nas malhas de uma Saudade que quis, simultaneamente, nacional e universal, Teixeira de Pascoaes teve a visão, moderna por excelência, segundo a qual «A nossa crise é, sobretudo, de natureza moral. Resolvida esta, o resto nos será dado em excesso»²⁸. Nos nossos dias, olhando agora a Saudade como um sentimento-mito construído ao longo da nossa história cultural e literária, Eduardo Lourenço refaz e reinventa esta construção imaginária, de que nós todos somos, a um tempo, sujeito e objecto. Assim se compreendem as suas palavras, que lembram as de Pascoaes, com que termino esta pequena reflexão: «O combate da nossa cultura consigo mesma [...] é o nosso verdadeiro combate. E é de não nos vermos ou de não merecermos ver-nos que nasce a melancolia cultural autêntica. Ela existe mas não pode ser vencida com a miragem de alheios espelhos. É nosso assunto. Quando o resolvermos, o resto nos será dado por acréscimo»²⁹.

Maria das Graças Moreira de Sá é professora na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde desenvolve investigação nas áreas de Literatura e Cultura Portuguesas dos séculos XIX e XX. Guilherme de Azevedo na Geração de 70 (1986), Estética da Saudade em Teixeira de Pascoaes (1992), O Essencial sobre Teixeira de Pascoaes (1999), Entre a Europa e o Atlântico (1999) e As duas Faces de Jano (2004) são alguns dos seus trabalhos publicados.

²⁷ *Ibidem*, pp.116-117.

²⁸ Teixeira de Pascoaes, «Os meus comentários às duas cartas de António Sérgio», in *A Saudade e o Saudosismo (Dispersos e Opúsculos)* de Teixeira de Pascoaes, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988, p. 109.

²⁹ «A ‘chaga do lado’ da cultura portuguesa», in *Destroços – O Gibão de Mestre Gil e Outros Ensaios*, Lisboa, Gradiva, 2004, p.118.